

COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

ANTOLOGIA ESCOLAR
2018



Machado de Assis



Clarice Lispector



Daniel Munduruku



Cora Coralina



Conceição Evaristo



Graciliano Ramos



Lygia Fagundes Telles



Lima Barreto



COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

ANTOLOGIA ESCOLAR 2018

**COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR
ANTOLOGIA ESCOLAR – 2018**

Comandante e Diretor de Ensino
Cel Cav QEMA Marconi Gomes **Stefanel**

Subdiretor de Ensino
Cel Inf Aécio Soares **Teixeira**

Comandante do Corpo de Alunos
Tenente Coronel Inf **Cirilo** Carlos Ribeiro Júnior

Chefe da Divisão de Ensino
Tenente Coronel Cav Ricardo **Guglielmi**

Digitação:
Professores e alunos do
6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e
1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio.

Diagramação:
Professora Simone Miranda Bastos

Organização, seleção e revisão dos textos:
Professora Dra. Esmeralda Barbosa Cravançola.

Colégio Militar de Salvador
Rua das Hortênsias, s/n - Pituba
Fone: (71) 3205-8805
<http://www.cmsalvador.eb.mil.br>
e-mail: ava@cmsalvador.eb.mil.br
ISBN: 1948-2

Professores da Seção de Ensino “A” – 2018

Ensino Fundamental:

6º ano

Professora Ana Isabel Duarte Machado

7º ano

Major Domingos Fernando Santos Batalha Goes

8º ano

Professora Fábiana Tosta Simões dos Santos

9º ano

Major Aline Cristina de Araújo

Eletiva

Professora Érika Fernanda Santos Hayne

Apoio Pedagógico:

Professora Anita Matos Santana

Professora Rosana Dória de Magalhães Fonte

Ensino Médio:

1º ano

Professora Esmeralda Barbosa Cravançola

Professora Ana Telma Miranda do Espírito Santo

2º ano

Professora Luciana Santos de Oliveira

Professora Adaltina Figueiredo Silva Filha

3º ano

Tenente Laiz Oliveira do Nascimento Pereira

Professora Maria Luiza Nunes de Araújo

Professora Maria Eliana Almeida Matos

Responsável pela Antologia:

Professora Esmeralda Barbosa Cravançola

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	7
APRESENTAÇÃO.....	8
À Professora Maria Luiza Nunes Araújo	9
TEXTO DE DESTAQUE: ESCRITO PELO ALUNO MATHEUS LUQUINI	11
47º Concurso Internacional de Redação de Cartas Promovido pela União Postal Universal (UPU) e realizado no Brasil pelos CORREIOS	12
TEXTO EXPOSITIVO: CONCURSO CISNE BRANCO	15
A Guardiã das Águas.....	16
MEMÓRIAS	18
Flores, espinhos e memórias de um sonhador.....	19
CRÔNICA	20
O que é um louco pendurado no teto?	21
POEMA.....	23
Poesia	24
FÁBULAS	26
A festa do leão.....	27
O cão e o leão	28
O leão e a raposa	29
O peixinho e os tubarões.....	30
O roubo à casa do esquilo	31
Kauê e as estrelas	32
NARRATIVAS	34

A capivara deformada	35
A felicidade	37
Um caminhão de amor	39
Refúgio.....	41
Um recomeço no Brasil	44
À procura da um lar.....	46
Felicidade pura	48
A difícil travessia.....	50
Adaptação forçada	52
RESENHAS.....	55
Histórias de um indígena doutor	56
Cultura e tradição	57
Experiência de vida.....	58
Enxergar por outros planos	59
ARTIGOS DE OPINIÃO E DISSERTAÇÕES ESCOLARES	60
A espera da queda dos muros sociais	61
Nosso Brasil	63
A grama do vizinho é sempre mais verde	65
Memória e cultura.....	67
Depois do incêndio	69
Em situações de perigo e crise	70
Ministério Brasileiro da Verdade.....	72
Não se erra, se conquista!	74
A vida é um eterno aprendizado	75
Rejeição à experiência.....	76

Perigos da insegurança.....	77
O aprendizado no decorrer da vida.....	78
Deficiências: os entraves da inclusão	79

OBSERVAÇÃO

Os textos selecionados e apresentados não refletem necessariamente o pensamento do CMS e são de inteira responsabilidade dos autores.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em todas as formas presentes nas nossas vidas.

Ao Comandante do Colégio Militar de Salvador, por confiar no desempenho e na dedicação dos alunos.

Ao Subdiretor de Ensino, por sua preocupação com a conduta e o aperfeiçoamento dos membros do Colégio.

Ao Comandante do Corpo de Alunos, por ser presença marcante na vida estudantil de nossos educandos, sempre pronto para expressar uma palavra de cuidado e afeto.

Ao Chefe da Divisão de Ensino, pela paciência e atenção às demandas diversas que surgem a todo tempo no ambiente escolar.

Aos Mestres, por toda coragem, todo amor e pelo trabalho contínuo na formação de jovens críticos e atuantes na sociedade.

Aos Responsáveis, que confiam no Nobre Cadinho e dividem conosco a missão de educar e receber os frutos de labor tão especial.

Aos monitores e a todos aqueles que participam dessa caminhada em busca do conhecimento.

APRESENTAÇÃO

“Penetra surdamente no reino das palavras”

Carlos Drummond de Andrade

Quando fui convidada para organizar a Antologia do CMS, dois desafios grandiosos me foram apresentados. Primeiro, substituir a Professora Maria Luiza nessa empreitada; foi Malu quem, durante anos, lapidou esse projeto até que ele chegasse ao formato atual. Segundo, escolher os textos que compõem o corpo desse livro, visto que a produção intelectual de nossos discentes é intensa e de ótima qualidade.

Como no Exército ‘missão dada é missão cumprida’, no que diz respeito à primeira, estou ainda engatinhando. Já em relação às escolhas dos escritos de nossos estudantes, tenho junto a mim Professoras incríveis, que andaram de mãos dadas comigo durante todo o ano de 2018. Por isso, a partir desse momento, utilizarei a primeira pessoa do plural, uma vez que essa Antologia foi produzida com o auxílio luxuoso de excelentes profissionais.

Durante um ano letivo, são diversos os gêneros textuais trabalhados no Nobre Cadinho. Aqui, alguns deles se apresentam aos leitores: memórias, crônicas, poemas, fábulas, resenhas, contos, artigos de opinião, dissertações escolares. Também participamos de concursos literários, como *Operação Cisne Branco* e *Concurso de Cartas dos Correios*.

Sendo assim, o que podemos fazer senão encarar o nosso destino de “amor sem conta” e nos entregar às leituras mais intrigantes e às “mil faces secretas” das produções de nossos escritores. Seguindo os ensinamentos do poeta Carlos Drummond de Andrade, convidamos cada um que dessa Antologia se aproximar que penetre nos reinos criados pelas palavras.

Professora Dra. Esmeralda Barbosa Cravançola.

À Professora Maria Luiza Nunes Araújo

Em seu poema “Rios sem discurso”, o poeta João Cabral de Melo Neto conta que

*“...um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate”.*

Eu vi um rio chamado escola refazer a cada ano “o fio antigo que o fez” com a grandiloquência da Professora Maria Luiza Nunes Araújo. Malu, por mais de 20 anos no Colégio Militar de Salvador, organizou a Antologia Escolar. A coletânea de textos dos alunos do 6° ao 3° ano foi, até 2017, como água em fios se empoçando em frases, em períodos e em textos que combateram a seca, a aridez e o desamparo do menino de linguagem canhestra.

Primeiro, nas salas de aula, as professoras ensinam a transformar as palavras em “situação dicionária”, friamente denotativa, em elementos fluidos, ajustáveis ao contexto, ao gênero textual, ao instante de comunicação em que o aluno - um curioso da palavra - se faz sujeito da escrita, muitas palavras, palavras miúdas, sinais que não expressam, sinais que exageram, escrita, leitura, reescrita, enfim o sentido, enfim o rio em discurso pleno: o texto.

Ao fim de cada trimestre, esses textos em cheia são analisados, e a gente vai vendo que a mocinha da linguagem bisonha aprendeu com Lispector, vamos percebendo que o garoto da escrita “Fabiana” conquistou o lugar de seu Tomás da Bolandeira. E encantadas entregamos nossas “redações” a Malu; Maria Luiza vai pacientemente ler e reler os textos, Malu vai dar

novo curso ao rio; até que eles sejam entregues à professora Simone para que finalmente possam ser digitados, alinhados, formatados e encadernados. Agora o rio chamado escola alcançou o mar e no oceano de palavras os alunos navegam com segurança, foram conduzidos pelos melhores: Ana Isabel, Fábria, Érika, Batalha, Aline, Renata, Esmeralda, Adaltina, Luciana, Ana Telma, Laiz Pereira, Maria Eliana e Malu. A Antologia Escolar é a carta desses navegantes, não se sabe que mares os aguardam, mas na Baía de Todos os Santos, vai ter sempre um Farol dizendo: “Obrigada, Malu”

A partir de 2018, a organizadora da seleta de textos será a professora Esmeralda, é certo que a riqueza do trabalho será mantida, mas Esmeralda terá sua própria metodologia de trabalho, seu próprio traço, seu próprio corte e, como pedra preciosa, seu brilho e brio para fazer com que “redações” sejam palavras em ação, combatendo a mudez do aluno rio sem discurso.

*Salvador, 23 de outubro de 2019.
Professora Aline Cristina de Araújo -TC*

**TEXTO DE DESTAQUE:
ESCRITO PELO ALUNO MATHEUS LUQUINI**

**47º Concurso Internacional de Redação de Cartas Promovido
pela União Postal Universal (UPU) e realizado no Brasil pelos
CORREIOS**

Tema: *“Imagine se você fosse uma carta que viaja no tempo. Que mensagem você quer deixar para seus leitores?”*

Mundo do Amanhã, 1º de janeiro de 2018.

Prezados leitores do Século XX,

Quem vos fala é uma carta escrita na noite que marca não só o início de um novo ano, mas também um momento de expectativas e desejos por mudanças. Nesse contexto de esperança, refleti sobre a situação caótica em que hoje se encontra o mundo. Tensões entre as principais potências mundiais, conflitos armados no Oriente Médio, guerras civis na África, graves violações dos direitos humanos e atentados terroristas nos continentes americano e europeu retratam a realidade atual. Caros leitores novecentistas, esse preocupante cenário é o reflexo do mundo que vós construísreis até então. A sociedade de hoje, com seus prós e contras, é consequência das decisões tomadas no passado.

Neste mundo que se denomina avançado, em pleno século XXI, o preconceito racial, a intolerância de gênero e as práticas xenofóbicas, infelizmente, ainda são uma triste realidade. Com essas condutas, observa-se que, popularizada pela obra “Leviatã”, do filósofo inglês Thomas Hobbes, datada de 1651, a frase “O homem é o lobo do homem” demonstra ser atemporal. Ela evidencia a capacidade humana de causar o mal à própria espécie; contudo, essa sentença não engloba tudo que o ser humano é, afinal, as pessoas, igualmente, são capazes de fazer o bem, se assim o quiserem.

Dessa forma, no século passado, aconteceram relevantes alterações na forma como os negros eram vistos em diversas partes do globo. Em tempos obscuros, em que ocorriam os

movimentos pelos direitos civis da população afrodescendente nos Estados Unidos e o combate ao regime do “Apartheid” na África do Sul, surgiram líderes como Martin Luther King e Nelson Mandela. Os legados de sacrifício de todos os líderes negros da história contra o racismo são rememorados até os dias atuais. Observeis, valorosos leitores, que, mesmo após tanto sangue e suor derramados na tentativa de dignificar o negro nos meios sociais e de lutar contra o preconceito explícito ou velado ainda existente, compreende-se que há muito por fazer, pois esse é um desafio até então a ser vencido. A marginalização e a inferiorização da raça negra têm origem na prática da escravidão e da divisão do continente africano em colônias e, mesmo depois de anos, desde o fim da escravidão e do processo de descolonização, as consequências são claras. Lamentavelmente, o racismo persiste.

Além disso, o Século XX é amplamente conhecido como um período de diversas mudanças em escala global, sendo inclusive palco das principais lutas e conquistas dos direitos femininos. Porém, tratando-se de uma sociedade que possui ideias machistas enraizadas, desde os seus primórdios, as transformações ocorrem lentamente. Atualmente, as mulheres ainda sofrem no âmbito trabalhista e doméstico, com desigualdades salariais, assédios sexuais, estupros e agressões. Após décadas de ativismo, a lastimável estatística mundial da morte de cinco mulheres por minuto reforça a necessidade da mudança de mentalidade do homem perante a mulher. Essa grave situação inspirou a criação de diversos movimentos em prol da defesa da figura feminina, como os ilustres: “Time’s Up” e o “Me Too”, liderados por grandes celebridades da indústria cinematográfica norte-americana e ativistas feministas, espalhando sua mensagem de igualdade pelo mundo.

Entre os anos de 1901 e 2000, ocorreram inúmeras modificações políticas, em âmbito global, principalmente as resultantes de conflitos armados na Europa, que era o centro da economia mundial. Na atualidade, após esses períodos de desestabilização, há vários países, sobretudo nos continentes

africano, americano e asiático, que se encontram em estado de exceção, enfrentando guerras civis, crises financeiras e descumprimentos dos direitos humanos. Devido à necessidade de dar um novo rumo a suas vidas, muitos habitantes dessas regiões buscam refúgio em outros territórios. Entretanto, esses refugiados são submetidos às políticas sectárias nas nações em que buscam abrigo. Mesmo com as cruciais atuações de instituições filantrópicas que buscam assistir a extensa massa de emigrados, a situação desses povos necessitados é alarmante; visto que, eles precisam reintegrar-se em uma nova sociedade e, para isso, enfrentar a xenofobia.

Enfim, acrediteis, estimados leitores, quando vos digo que o racismo, a desigualdade de gênero e a xenofobia resumem-se a uma única palavra: intolerância. A única forma de superar esses problemas é por intermédio da educação. O ato de educar é uma das mais nobres formas de amor, até porque ela é a grande fomentadora de mudanças positivas no âmago das pessoas. Sendo assim, peço-vos que reflitais, pois a educação conduz o ser humano à tolerância, ao respeito e à paz. Tenho fé e esperança de que, se tiverdes a oportunidade de construir um futuro melhor, queridos legentes, vós sabiamente utilizareis esse ideal como o maior princípio da vida.

Atenciosamente,

Carta do Futuro

Aluno: Matheus Luquini

Nº: 4112

Turma: 901

TEXTO EXPOSITIVO: CONCURSO CISNE BRANCO

A Guardiã das Águas

A Marinha do Brasil, em vestes com sua “farda de um dourado reluzente”, é a mais antiga entre as três Forças Armadas. No mar, na terra ou no ar ela detém a missão de “preparar e empregar o poder naval, a fim de contribuir para a defesa da pátria”. A Marinha também é responsável pelo policiamento da costa brasileira e das águas interiores por meio de uma frota muito grande e bem equipada de navios, submarinos, aviões e helicópteros que ajudam os marinheiros na proteção de nossas águas.

Para garantir o cumprimento de seu principal lema: “Protegendo nossas riquezas, cuidando da nossa gente”, a segurança no mar deve estar em primeiro lugar. Com isso, a marinha realiza operações de navegação, fiscalizando o cumprimento das leis nos mares e nas águas interiores, orientando os condutores de embarcações e conscientizando a população sobre o risco de acidentes tanto no litoral, quanto no mar, nos rios e lagos, além de evitar a poluição hídrica.

Outras maneiras de garantir a segurança marítima são: por meio de palestras, de cursos, de vídeos, de reportagens e de propagandas. Como por exemplo, as campanhas “Operação Verão” e “Legal no Mar – Navegue com Segurança”, que têm como objetivos intensificar as ações de conscientização e de fiscalização do tráfego aquaviário nas áreas de maior concentração de embarcações, além do combate ao uso de bombas na pesca.

A fim de evitar acidentes, a Marinha orienta as pessoas e os condutores das embarcações, fazendo com que a população respeite o Regulamento Internacional para evitar abalroamentos no mar e as normas da Capitania dos Portos. Além disso, essa força armada fiscaliza se todos os transportes aquaviários e seus respectivos comandantes estão em condições de navegarem no mar. Outro ponto muito importante é sobre a segurança dos banhistas, que devem seguir os regulamentos previstos pela

Capitania dos Portos, evitando assim, incidentes no mar, nos rios e lagos, principalmente durante o período das férias.

Os marinheiros também estão presentes na proteção da Amazônia Azul, um território marítimo com extensão comparada com a Floresta Amazônica, uma região que demanda muito esforço por parte dos sentinelas dos mares, pois é uma área muito grande para ser protegida. Sua segurança é muito importante para a preservação da grande biodiversidade contida nesta imensa região.

Desta forma, é por meio da bravura e dedicação da nossa rainha que “no mar, a segurança está em primeiro lugar”, garantindo assim, a preservação desse imenso patrimônio nacional, assim como diz na Canção Viva a Marinha: “É no mar ou na terra, viva sempre a Marinha de guerra”.

Aluno: Brianti

Nº: 4215

Turma: 801

MEMÓRIAS

Flores, espinhos e memórias de um sonhador

Sou Roland Pacheco dos Santos. Nasci em Salvador e, aos cinco anos, fui para Itaparica e morei numa fazenda. Nunca tive vida fácil e me divertia com as mais simples coisas.

Escalava mangueiras e colhia frutas dos abacateiros. Eles eram para mim o que o pé de laranja lima fora para Zezé. Brincava à beça com meus irmãos de bola-de-gude, pescava siri e também subia em barcos ancorados. As belas flores de meu jardim se contrastavam com os espinhos de minha infância, que ainda ardem em meu peito. Além disso, não havia escolas na Ilha e o que eu queria mesmo era voltar para Salvador, retomando meus estudos.

Os anos se passaram e, felizmente, retornei à minha cidade-natal. Fui morar no bairro da Ribeira e ingressei num colégio de freiras, onde fiz bons amigos. Dedicava-me intensamente aos estudos. Dessa forma, e vendo minhas dificuldades financeiras, os professores se ofereciam a tirar minhas dúvidas em suas casas. Deslocava-me de bonde e, às vezes, a pé, até suas residências, sob uma simbiose de sol escaldante e um incessante desejo de crescer.

Trabalhei desde os sete anos numa firma comercial. O dinheiro que arrecadei com isso serviu no pagamento de minha faculdade. Por conseguinte, labutava de manhã e estudava à noite.

Todo o esforço produziu bons frutos: fui admitido num concurso e conquistei um melhor emprego. O conhecimento, minha dedicação e fé desencadearam portas para meu sucesso intelectual e pessoal. Descobri que, desde jovens, devemos persistir e nunca desacreditar nos nossos sonhos.

(Texto baseado em entrevista feita com o senhor Roland Pacheco dos Santos)

Aluna: Jana Almeida

Nº: 4220

Turma: 801

CRÔNICA

O que é um louco pendurado no teto?

Respirar, inspirar. Não tem muito o que fazer por aqui. Eles não me olham nos olhos, eles não conseguem me escutar. Tem um cara aqui que jura que eles são robôs. Colocaram umas três pílulas na minha mão e um copo d'água na outra (de plástico, claro.) Vai que eu me machuco? Isso não pode, dá processo. Se bem que ninguém do lado de lá tem disposição pra prestar queixa, deixa assim que tá bom.

Cemitério dos vivos, disse alguém que eu já esqueci o nome. Achei genial essa metáfora, levei pra vida. Aqui os coveiros usam branco, e os fantasmas brilham em camisolas hospitalares, fraldões e um fedor digno de zoológico. Talvez por isso tenham morrido, inalação de gás. O folheto na recepção diz que estamos aqui para melhorar, e toda vez que lembro disso caio na gargalhada. Ninguém melhora aqui não. Aqui colocam os que são tão fracassados que não conseguiram nem se matar direito e as crianças de pais que moram em cavernas pra não ter que criar. No geral, para as pessoas que os amavam ou fingia amar, já morreram faz muito tempo, esses loucos. Orfanato pra pessoas grandes, mas eles lá fora não ligam nem pros de pessoas pequenas, imagine só.

Pintar as paredes de giz de cera é até divertido (terapia, parece, giz de cera não corta). Tem uma menina que escreveu a bíblia toda na parede do quarto dela, uma outra que desenhou uma cidade. Adoro essa galera. A maioria não fala muito, o que só os tornam mais transparentes. Tem um menino aqui que eu tenho certeza que não sabia falar (chegou filhotinho, dezesseis no máximo, porque os pais disseram que era uma casca vazia). Ele ainda não fala, mas entende tudo, e vai sair daqui ainda doutor em física! Olha que resposta! Toinho que ensinou pra ele. Toinho é realmente doutor em física. Era professor em universidade. O divórcio complicado, filho suicida e uísque caro o deixaram na porta. Tem uma outra mulher que não tem um único fio de cabelo no corpo, mas de longe parece cabeluda de tanta cicatriz fininha nos braços. Ela coleciona “você deveria estar morta”. Às vezes é

um elogio, às vezes uma crítica, mas são os ossos do ofício quebrar todos os ossos do corpo.

A esse ponto os coveiros estão inquietos. O cemitério tá superlotado. Estão doidos para jogar alguns de nós em covas de verdade. Deixando chaves nas estantes, as celas abertas, que irresponsável! Alguém tem que ser sensato nessa casa, então tiramos no palitinho quem ia engolir uma lâmpada, e logo eu! O único que bate bem! Fui o sorteado pra fazer burrice. Não por falta de voluntários, claro, todo mundo aqui quer morrer. Mas é que eu meio que cansei também.

Aqui não parece mais tão legal quanto a rua. Eu sinto falta de ter que brigar pra viver. Comida estragada é melhor que suplemento de vitamina D três vezes ao dia. Mas colchão de jornal amassado é melhor que asfalto, então fico num impasse. Eu poderia ir pra cadeia também, mudar de ares, mas pra ir pra lá e não morrer em dois dias, eu teria que fazer alguma coisa muito horrível, e não tenho coragem de satisfazer as fantasias desses pobres coitados. Então na falta de opção, eu vou pro inferno. Ouvi dizer que lá não tem toque de recolher. Mas também, se eu não curtir o clima não posso alegar insanidade, isso talvez seja um problema.

Quem apagou a luz?

(Texto baseado no livro *Cemitério dos Vivos*, de Lima Barreto).

Aluna: Raquel Sarubbi

Nº: 4481

Turma: 102

POEMA

Poesia

Quem não conhece a poesia
Eu explico o que é
Ela é a dor e a alegria
A felicidade e a fé.

A intenção da poesia
É uma coisa incerta
Mas ela pode ser vista
Nos olhos do poeta.

Ao folhear as páginas
Só há coisas perfeitas
Pois são tocantes como lágrimas
E fortes como cachoeiras.

A poesia é uma amiga
O poema o irmão
A poesia é a vida
É uma paixão.

A poesia é relativa
Se parar para ver
Relativa para quem escreve
E também para quem lê.

A poesia
Cria universos
É o retrato da vida
Estruturado em versos.

A poesia eu escrevo
E não é só por prazer
É porque nela eu transcrevo
O que tenho medo de dizer.

Aluno: Candeias
Nº: 4534
Turma: 104

FÁBULAS

A festa do leão

O leão, o rei da floresta e muito vaidoso, ordenou que o seu pombo mensageiro avisasse a todos os animais da floresta que ele iria dar uma festa.

O cão, que por perto passava, escondeu-se para ouvir toda a conversa do leão com o pombo e descobriu que ele não iria fazer nenhuma festa e em vez disso, organizaria uma luta de cada um dos animais contra ele. Como era o mais forte, com certeza ganharia de todos, aumentando ainda mais a fama de rei da floresta.

O cão era fiel e amigável, por isso, decidiu falar para os bichos da floresta a verdadeira intenção da festa do leão. Ele falou para todos que encontrava:

– A festa do leão é uma fraude! Não vá! O leão vai lutar com vocês! O pombo correio dele está vindo avisá-los! Não o ouçam.

Eles respondiam sem acreditar no cão:

– Está bom, amigo cão!

Mesmo depois de tanto trabalho, o cão não conseguiu impedir que os bichos fossem “festejar” com o leão. Eles não acreditaram nele e foram persuadidos pelo pombo. Não teve jeito.

Chegando na festa, perceberam que o cão estava certo. O leão lutou com todos, sem misericórdia. Os bichos saíram muito machucados: com olho roxo, canela roxa, braço quebrado entre outros ferimentos graves. O cão, como estava olhando tudo escondido, falava para quem passava por ele:

– Eu avisei!

Moral: Quem avisa, amigo é.

Aluno: Bruno Baptista

Nº: 4472

Turma: 601

O cão e o leão

No período das caçadas, um cão selvagem estava caminhando tranquilamente pela floresta quando ouviu o som de um tiro. Correu atrás do som e percebeu que eram os caçadores. Ele, que era de bom coração, saiu avisando a todos que encontrava pela frente:

– Cuidado, chegaram os caçadores! Vamos fugir para o outro lado da floresta enquanto ainda temos tempo, vamos!

E os animais saíam de suas casas e seguiam o conselho do amigo cão. Onças, coelhos, raposas, lobos e ursos iam carregando seus filhotes em busca de um lugar seguro. Enquanto isso, o cão corria para alertar outros animais. Quando passou pelo Leão, avisou:

– Caro leão! Os caçadores chegaram. Vamos todos correr antes que não haja mais tempo!

– Pequeno cão, calma! – disse o leão, fazendo pouco caso – Os caçadores não vêm até esse lado da floresta.

– Mas leão... eu mesmo vi! – exclamou o cão.

– Fique tranquilo, eu assumo o risco. – debochou o leão e foi tirar uma soneca.

Todavia, enquanto dormia, os caçadores chegaram e mataram o leão, sem lhe dar tempo nem de fugir.

Moral: Quem avisa, amigo é.

Aluna: Júlia Delgado

Nº: 4458

Turma: 601

O leão e a raposa

Há muitos anos, havia um leão que reinava em uma pequena floresta, onde havia diversos tipos de animais que trabalhavam para sustentar suas famílias e dar conforto ao rei.

O leão, com o passar do tempo, foi percebendo que os animais podiam trabalhar mais intensamente e assim ordenou que eles iriam ficar em suas respectivas labutas por mais tempo, prejudicando-os e se enriquecendo.

Após alguns dias, os animais se cansaram do trabalho intenso e resolveram reclamar com o rei, mas antes a raposa teve uma ideia brilhante. Fez um buraco no chão e o cobriu com folhas, para que não ficasse visível. Em seguida, foram em direção ao leão e reclamaram:

– Estamos sendo prejudicados com a ordem do senhor de trabalhar intensamente e não queremos mais isso – disse a raposa.

O leão ficou enfurecido com as reclamações e partiu para cima da raposa. Ela, com sua agilidade e esperteza, conseguiu fugir, levando consigo todos os animais e recursos, enquanto o rei, desesperado, acabou caindo no buraco da armadilha. O leão ficou muito triste, arrependido e sem amigos, até falecer.

Moral: Quem tudo quer, tudo perde.

Aluno: Lucas Souza

Nº: 4462

Turma: 601

O peixinho e os tubarões

Em uma determinada época, um grupo de peixes já estava sem sair de casa, aproximadamente uma semana, pois, durante aquele período, ocorriam ataques de tubarões que devoravam a todos sem dó nem piedade.

Tudo estava dando certo e todos os peixes estavam seguros. Até que um peixinho inconveniente resolveu reclamar e expor seus sentimentos, dizendo que não aguentava mais ficar preso naquele lugar cheio e abafado de sempre. Então, ele, que não se conformava em ficar em seu lar, resolveu sair da casa e todos os outros gritaram:

– Não! Não saia, por favor! Os furiosos tubarões vão lhe devorar em poucos segundos!

E ele respondeu:

– Eles não vão me devorar, sou rápido e inteligente, vou conseguir me safar deles.

O restante do cardume não tinha mais o que falar para convencer o teimoso, portanto, o deixou ir.

Dias se passaram e a família recebeu a triste notícia, na qual informava a morte do peixinho que saíra de sua casa e morrera esfaqueado por perversos tubarões.

Moral: Quem avisa, amigo é.

Aluno: Arthur Byron

Nº: 4466

Turma: 601

O roubo à casa do esquilo

Era uma vez um esquilo que morava sozinho no alto de uma árvore, no meio da floresta. Ele era órfão, mas tinha vários amigos legais que sempre lhe visitavam.

Certo dia, ele saiu para brincar na floresta. Passaram-se horas e horas. Já de noite, quando voltou, viu sua casa toda revirada. Foi aí que percebeu que tinha sido roubado.

Ao amanhecer, o esquilo foi à delegacia fazer um boletim de ocorrência. Relatou o ocorrido ao rato, o delegado de plantão. Então o delegado disse:

– Não se preocupe, meu senhor, vamos iniciar imediatamente as investigações.

– Muito obrigado, senhor rato! – disse o esquilo.

O esquilo foi para sua casa aliviado, arrumou a bagunça e adormeceu.

No dia seguinte, ele foi chamado à delegacia, pois já havia prendido o ladrão. Chegando lá, se surpreendeu quando viu quem era o indivíduo. Assustado, o esquilo falou:

– O que a minha amiga raposa está fazendo aqui?

– Ela foi quem roubou a sua casa. – disse o delegado.

– Como pode ter sido a raposa, se ela é minha melhor amiga?

– perguntou o esquilo, não acreditando no que estava acontecendo.

Com um sorriso discreto, o delegado falou calmamente:

– A raposa assumiu o roubo. Olha a cara dela! – continuou falando o delegado – Esquilo, meu amigo, você é amigo dela, mas ela não é sua amiga. Nunca esqueça disso!

Moral: Jamais confie nas aparências.

Aluno: Bortolucci

Nº: 4574

Turma: 602

Kauê e as estrelas

Muito tempo atrás, quando o céu era totalmente escuro, um ser místico havia prometido que o primeiro que o encontrasse, receberia um grande presente que só os deuses poderiam oferecer. Essa mensagem foi passada e repassada de pai para filho, na tribo dos Tupiniquins. Todos os jovens tentaram encontrá-lo, mas ninguém o achou. Dentre eles estava Kauê, um menino bondoso e carismático, que sonhava encontrar essa criatura. Ele gostava muito de caçar e ajudava sua tribo coletando alimentos.

Certo dia, estava caçando na floresta, quando escorregou e caiu em um rio que era muito conhecido pela sua forte correnteza que o levou para muito longe de onde estava.

Após ter conseguido sair do rio, com a ajuda de um galho, Kauê olhou ao redor e percebeu que estava perdido. Já estava escurecendo e ele ficava cada vez mais assustado. Quando a noite chegou, ele observou pedras muito brilhantes que nunca tinha visto antes e elas formavam um caminho até uma caverna.

Sem saber o que fazer, sacou seu arco e entrou na caverna. Lá dentro, encontrou uma criatura diferente das demais. Parecia-se com um pássaro imenso. A criatura, percebendo a presença do menino, disse:

– Meus parabéns! Você foi escolhido pela natureza para me encontrar, como recompensa, será presenteado.

O menino não acreditou que o seu sonho estava sendo realizado e ficou em choque. A criatura continuou:

– Você será o brilho da escuridão, iluminando as noites e repondo o seu brilho durante o dia. Essa será sua honrada recompensa.

Kauê sentiu uma leveza em seu corpo e começou a flutuar até o céu. Lá, se repartiu em vários pedaços luminosos, que se dividiram pelo céu. Esses pedaços ficaram conhecidos como

estrelas. Com isso, o menino alcançou a imortalidade e a felicidade eterna.

Aluno: Levy

Nº: 4473

Turma: 602

NARRATIVAS

A capivara deformada

Capivário era um animal feliz, que migrara da Amazônia para Minas Gerais em busca de melhores condições de vida. Não era peludo, nem dentuço. Fora abandonado pelos pais logo quando nasceu - era muito feio! Porém, agora, no auge de seus dois anos de existência, vivia sozinho nas proximidades de Ouro Preto.

Nenhum animal gostava dele. Todos achavam que ele tinha alguma doença. Mas tudo isto estava para mudar. Num dia qualquer, avistou um ser semelhante a ele: tinha poucos pelos e não era dentuço, porém andava de dois pés. Aquele bicho pareceu-lhe simpático. A capivara correu até ele, porém, no meio do caminho, foi presa por uma rede de caça e desmaiou.

Capivário acordou já num local escuro, dentro de uma gaiola de metal - havia sido pego por um caçador. Passaram-se algumas horas e as luzes foram acesas. O homem veio e abriu a cela. Viu o quão horroroso era o animal e jogou-o para fora gritando:

– Que bicho feio! Isso não vai me dar dinheiro algum na hora em que for vender! É melhor continuar com a venda de aves, pois elas são menos defeituosas!

O filhote era inocente e não percebeu o ocorrido. Passou-se o tempo e viu outro humano entrando em sua casa. Este esquecera a porta aberta. A capivara sentia frio, entrou na moradia e foi ficar sob uma estrutura quentinha. Quando chegou a noite, Joaquim foi dormir. Já por volta das duas horas da madrugada, Capivário acordou. O animal saiu de baixo da cama e pulou para cima dele. O dono do dormitório acordou assustado. Viu um bicho pálido, horroroso, de olhos brilhantes na frente dele. Era a Pisadeira - monstro do folclore brasileiro. Saiu gritando pelas ruas:

– Socorro! A Pisadeira pulou no meu peito e me jogou a maldição! Estou quase sufocando, sabia que não deveria ter dormido com o estômago cheio! Socorro, polícia, me ajude!

Não demorou um segundo e lá estava um policial supersticioso. Entrou, na casa, amarelo de medo. Nesta hora, toda a vizinhança já estava acordada. O militar vasculhou a casa e nada

encontrou, até que saiu dizendo ser um alarme falso. Quando todos já estavam voltando para suas casas, sai um bicho feio da janela do pequeno quarto de Joaquim - era Capivário - este ficou preso numa grade. Todos foram lá olhar. Logo perceberam que se tratava de uma capivara deformada. Levaram-na para a floresta e nunca mais foi avistada.

(Texto baseado na notícia:
Filhote de capivara invade casa, pula em cama e assusta
moradores em MG).

Aluno: Brianti
Nº: 4215
Turma: 801

A felicidade

Para meu pai, felicidade era ter um emprego estável e conseguir proporcionar boas condições para a sua família. A ideia de felicidade de minha mãe era ter um bom marido que fosse capaz de cuidar de sua família, assim, todos juntos poderiam honrar e agradecer a nosso Deus Alá. Durante um tempo, nós desfrutamos dessa felicidade tranquila, meu pai trabalhava em um laboratório e tínhamos tudo que precisávamos. Mas aquela frágil harmonia foi facilmente quebrada pela guerra que eclodiu na Síria. Quando eu tinha quatro anos, meus pais precisaram empacotar as coisas e fugir comigo e minha irmã para buscar por uma nova felicidade.

A vinda para o Brasil foi difícil, eu era pequena, por isso não consigo me lembrar de muitas coisas do trajeto, mas me lembro do clima melancólico do navio, com todos calados e sérios. Entre eles estavam meus pais. Meu pai encontrava-se tenso, com o olhar vidrado, como se cogitasse todas as possibilidades que estavam por vir. Minha mãe carregava minha irmã no colo, enquanto me abraçava, tentando transparecer tranquilidade, mas eu me lembro vagamente de sentir, em ambos, uma angústia misturada com um fio desesperado de esperança.

Quando nos instalamos em São Paulo, fomos renovados por uma nova lufada de expectativa de reencontrar nossa felicidade. Ninguém expressou em palavras, mesmo assim, me lembro como o Brasil parecia promissor, era um país alegre e livre, parecia que nos convidava a ser quem quiséssemos. Porém, nossa animação rapidamente foi barrada pela realidade.

Meu pai estava com dificuldade em achar emprego e nossas economias estavam acabando. Eles se esforçavam para esconder. Eu, com meus oito anos, conseguia notar a agitação e as discussões presentes naquela casa. Depois de um tempo, ele começou a trabalhar em uma feira na cidade; era notável que meu pai não estava nem um pouco satisfeito com seu novo trabalho, e nem o resto da família, pois só podíamos vê-lo nos finais de semana. Fui matriculada com minha irmã em uma escola local onde

continuamos a aprender sobre nossa antiga cultura enquanto éramos apresentadas à brasileira. Algumas crianças ficavam curiosas sobre nós, outras preferiam manter distância e, às vezes, era possível ouvir um comentário que parecia ser maldoso, mas eu estava satisfeita, o lugar me parecia muito mais aberto que na Síria. Não podia dizer o mesmo da família, minha irmã se adaptava facilmente, já meus pais encontravam-se irredutíveis. Eles não pareciam os mesmos, sempre preocupados com alguma coisa e eram raros os momentos que agiam como um casal. Eu não conseguia mais sentir aquela atmosfera feliz e despreocupada de quando éramos cidadãos sírios. Mesmo quando a situação se encontrava mais estável, ainda conseguia senti-los presos às lembranças de nossa antiga vida, nossa felicidade parecia estar perdida em meio às antigas memórias.

Percebi que um pedaço deles havia ficado na Síria: aquilo eles não conseguiram superar. Decidi que construiria a minha felicidade pelos meus pais, trilharia meu caminho naquele país e seria o mais feliz possível, cuidaria dos meus progenitores e não deixaria que eles afundassem na tristeza. Mostrarei a eles o quanto bela a vida pode ser em qualquer lugar e desfrutarei ao máximo dela até Alá me chamar.

Aluna: Júlia Alkmin

Nº: 4056

Turma: 903

Um caminhão de amor

Naquela tarde ensolarada de domingo eu ganhei novos vizinhos, uma mulher negra de cabelos longos, que usava roupas sujas e desgastadas, levando no seu colo duas crianças, provavelmente seus filhos. Ela não trazia muitas malas, levava em suas costas apenas uma mochila. Me perguntei quando o caminhão de mudanças chegaria com os outros móveis, mas ele nunca chegou. Fiquei pensando como viveriam em uma casa sem móveis, para mim era impossível.

No dia seguinte, ainda sem sinal do caminhão, então decidi convidar aquelas crianças para brincar, eles me pareciam um pouco envergonhados, mas aceitaram. A irmã mais velha traduzia todas as minhas palavras ao seu irmão. Pelo visto eram estrangeiros, ela me disse que se chamavam Jessy e Winner.

Convidei outras crianças da rua para a brincadeira. Por algum motivo, os irmãos ficavam cada vez mais tristes e reservados a cada criança que chegava para brincar. Enquanto eu explicava a brincadeira, Winner puxava a irmã como se quisesse ir embora.

Jessy falou comigo que iam embora, perguntei o porquê e ela me respondeu que, como eram negros, as crianças brancas não iriam querer brincar com eles. Expliquei a ela que nós não ligávamos para a cor da pele, pois isso era besteira.

Decidi começar a brincadeira e Jessy concordou. No final da brincadeira, ficamos sentados, olhando os carros passarem, enquanto Jessy me contava como sua família veio para o Brasil. Ela disse que tiveram que deixar sua irmã mais velha no Congo e que ainda sentiam falta dela. Podia ver em seus olhos que ela estava triste.

Com o passar de algumas semanas, os irmãos foram se acostumando cada vez mais com a nossa sociedade. Winner já até sabia falar um pouco de português. Certo dia, ouvi gritos vindos da porta da casa dos irmãos, olhei pela janela e vi uma mulher parada na porta. Logo notei que essa mulher se tratava da irmã de Jessy. Ela era muito parecida com sua mãe, até mesmo na forma que

chegou, com roupas sujas, com apenas uma mochila nas costas e mais uma vez sem um caminhão de mudança.

Percebi, então, que esse caminhão havia chegado, mas não com móveis, e sim com a única coisa que importava para o viver de uma família, o amor, mas não um amor qualquer, e sim um amor especial que é compartilhado somente entre os membros de uma família, quando eles se reencontram após uma longa separação.

Aluno: Miguel Santiago

Nº: 4074

Turma: 904

Refúgio

Todo mundo conhece aquele estranho sentimento de alívio após o pior dos pesadelos: o alívio de poder acordar para a realidade. Foi assim que me senti quando pisei no aeroporto de Guarulhos - talvez nada daqueles últimos meses passasse de um terrível pesadelo, talvez o terror e o som das bombas fossem só um delírio de minha mente. O que eu mais temia, todavia, era que isso tudo fosse mais um daqueles sonhos bons e no dia seguinte eu tivesse novamente que acordar para o pesadelo.

Não, a ficha ainda não tinha caído, parecia bom demais para ser verdade. Lembro-me de olhar para o céu paulista e achar tão estranho que fosse o mesmo que eu via em Damasco: parecia outra realidade aqui no Brasil e a única semelhança com aquela zona de guerra devia ser o céu. Eu mal podia esperar para me encaixar, para me acostumar a poder me preocupar com banalidades, como o que vai ter para o almoço (se bem que eu não poderia possivelmente desejar por algo melhor que feijão com arroz) ou que roupa usar no dia seguinte. Quem sabe até andar apressada pelas ruas, como quem está atrasada para aula, algo bem menos sério que uma guerra civil.

Ainda extasiada por poder me dar ao luxo de me importar com coisas triviais, já estava nervosa por causa da ida à nova escola, que seria na próxima semana. Passei cada dia da semana anterior ao primeiro dia de aula programando minuciosamente a experiência: que roupa usaria, que piadas contaria, como eu ia impressionar os professores. Lembro de passar a noite precedente em claro, não pelo usual medo, mas por pura e simples ansiedade, com aquele gostinho de ter algo bom me esperando nos raios do novo dia.

Então, as longas horas da noite se transformaram em manhã e eu não fui pulando pelo caminho da escola, como era meu jeito de ser: nesse dia em particular, eu fui andando bem devagarzinho, como quem quer saborear ao máximo a caminhada. Entretanto, ao deparar com alguns dos novos colegas, percebi que o único detalhe

no qual eu não havia pensado seria o meu grande revés: havia uma grande barreira de comunicação entre mim e os meus colegas. Nenhum deles falava a língua curda e meu português ainda era muito precário - isso me sentenciaria a uma desilusão nos dias que se sucederam. Não poder ser compreendida ou compreender me foi o pior castigo, e fez comigo o que a guerra faz com as pessoas: acabou-me a esperança.

E assim foram os dias que se seguiram na escola, passaram como um borrão demorado e destituído de sentido. A única aula da qual eu realmente participava era a Educação Física: eu era a melhor no futebol e em poucas aulas me tornei a preferida para a formação de times. Por um tempo que me pareceu indeterminado, eu tive no futebol meu refúgio e alegria - eram os minutos nos quais eu conseguia me comunicar sem dizer uma palavra sequer e, em minha mente de criança, sempre era uma partida de quartas de finais, e todos os gols eram como se tivessem sido marcados na prorrogação do segundo tempo. Eu e o time éramos um só.

Foi isso que o futebol fez por mim: pela primeira vez, me senti parte de algo maior que eu, me senti perfeitamente encaixada naquele grupo. Durante alguns gols, eu não era mais a menina refugiada da Síria, eu era só a atacante, um onze avos do time. Assim se passariam as tardes do meu primeiro verão no Brasil, e, quando me dei conta, já estava me adaptando. Se houve mais vitórias ou derrotas nem eu lembro. Em minha mente de criança, sempre era uma festa. E o português, depois de uns três campeonatos, eu já estava desenrolando (ao menos o bastante para entender as marcações do juiz).

O futebol foi (e até hoje é) meu porto seguro. Mesmo já dominando a Língua Portuguesa, eu ainda aprecio, talvez mais do que naquela época, passar 45 minutos sem precisar dizer uma só palavra para ser compreendida, só algumas casuais comemorações ao marcar ponto. Foi assim que jogar bola me salvou da guerra que

ocorria dentro de mim, e me deu bem mais que paz: me ensinou a felicidade.

Aluna: Carolina Cordeiro

Nº: 4049

Turma: 904

Um recomeço no Brasil

Estou há alguns meses vivendo uma vida nova aqui no Brasil. Estou feliz que conseguimos fugir da guerra. Minha irmã, Rahab, e eu estudamos em uma escola islâmica perto da minha casa. Tenho muitos amigos lá. Nossas vidas estão caminhando bem. O único problema são os vizinhos.

Eles não nos fazem nenhum mal, sempre dão aquele sorriso amarelo quando passamos por eles, porém, consigo perceber que eles têm medo de nós. Falei sobre isso com Rahab e foi então que ela começou a perceber. Mas acho que nossos pais não perceberam. Eles ainda estão muito empolgados com a ideia de uma vida fora da guerra, ainda mais porque meu pai conseguiu um trabalho recentemente.

Quando eu estava indo para a escola, vi caixas no apartamento ao lado. Fiquei entusiasmada com a ideia de receber novos vizinhos, mas quando estava voltando, o apartamento estava vazio, me dei conta de que os vizinhos tinham se mudado. Durante o almoço, fiquei pensando no ocorrido enquanto comia um delicioso prato de arroz e feijão: por que eu era a única que estava percebendo os acontecimentos? Depois de comer, fui para meu quarto fazer as atividades de casa. Acho que estava com um olhar triste, pois minha irmã perguntou: “Ritag, por que está tão calada? Logo você que fala tanto!”. Expliquei para ela que não estava me sentindo bem, que achava que algo estranho estava acontecendo.

Depois de ter estudado tudo, eu e minha irmã ouvimos barulhos vindo do parquinho, olho pela janela e vejo crianças brincando, todas pareciam felizes, então decidimos nos juntar a elas. Rahab e eu chegamos lá embaixo contentes, pois iríamos brincar também, porém, algo muito estranho aconteceu: as crianças mais velhas, por volta de 12 anos, começaram a fazer barulhos de bomba com a boca, eram barulhos baixos, para apenas as que estavam por perto escutar, mas foram altos o suficiente para escutarmos. Enquanto isso, algumas mães estavam soltando

risos abafados. Olhei para minha irmã e ela estava em estado de choque. Seus olhos arregalados olharam para mim, ela pegou minha mão e começou a correr de volta para casa.

Quando chegamos em casa, Rahab e eu começamos a contar o ocorrido para mamãe, seus olhos encheram de lágrimas e ela, furiosa, saiu do apartamento. Nós a seguimos até o térreo, onde ela encontrou as outras mães e suas crianças agindo como se nada tivesse acontecido. Foi então que minha mãe começou a gritar com eles, falou sobre nossas dificuldades na Síria e ameaçou chamar a polícia. O síndico do condomínio chegou e acabou se envolvendo no conflito. Ele ficou do nosso lado e afirmou que caso alguém fizesse mais algum ataque xenofóbico, iria ter que pagar uma multa de mais de mil reais.

Um mês depois, nos mudamos para outro lugar, era próximo e aconchegante. Fomos bem recebidos pelos vizinhos, que até fizeram uma festa de boas-vindas. Lá, eu conheci Carol, uma garotinha amigável que se tornou minha melhor amiga. O melhor disso tudo foi como estava me sentindo feliz, como se a felicidade tivesse tomado conta de todos nós.

Aluna: Luana Maia

Nº: 4067

Turma: 903

À procura da um lar

Aquele dia havia amanhecido como qualquer outro em Damasco. Eu e minha irmã estávamos acostumadas aos constantes barulhos de tiroteio que se repetiam dia após dia, ininterruptos, sem permitir que tivéssemos ao menos um momento de paz, essa palavra que, há tempos, havíamos esquecido o real significado.

Arrumamos nossas malas rapidamente e partimos para a casa de nossa tia em Hamat, no interior da Síria. Ao chegar lá, já era noite, então, nos instalamos e fomos descansar, ou pelo menos tentamos. Não conseguimos dormir naquela noite, passamos horas a fio observando as estrelas e lembrando os tempos de paz em Damasco, quando eu e minha irmã brincávamos livres na rua e tínhamos um verdadeiro lar. Foi aí que surgiu a questão: nós o teríamos novamente?

Estávamos dormindo no quarto dos fundos quando, de repente, um estrondo maior do que o habitual me fez pular da cama imediatamente e ir para fora de casa para ver a dimensão do ocorrido. Um torpedo havia caído a poucos metros de nossa casa. Naquele momento todos da família sabiam que teríamos que sair de Damasco o mais rápido possível, abandonando assim nossa casa, que estava mais para um refúgio.

Passaram-se semanas desde que chegamos a Hamat, até o dia em que recebemos a notícia que tropas armadas estavam chegando à cidade. Já estávamos perdendo as esperanças de fugir da guerra e alcançar a paz, quando, felizmente, um amigo do meu pai, Shafir, apareceu com a chance de irmos clandestinamente em um navio para o Brasil. Era tudo que queríamos: finalmente ter um lar de verdade, livre de guerras. Não pensamos duas vezes em pegar apenas uma muda de roupas e partir viagem rumo ao Egito e, de lá, atravessar o Mediterrâneo rumo ao Atlântico.

A viagem rumo a Cairo, capital do Egito, foi longa e, quanto mais nos aproximávamos do destino, mais minha ansiedade e esperança iam aumentando, gerando em mim um sentimento que há muito tempo não sentia: felicidade.

Para permanecermos no navio tivemos que trabalhar na cozinha. Mesmo sendo uma longa e cansativa viagem, foi prazerosa. No momento em que pisamos em solo brasileiro foi puro êxtase, porém, inesperadamente, nos descobriram e prenderam meus pais.

Toda aquela felicidade de finalmente ter um lar foi embora. Foram dois meses em um orfanato, pois não tínhamos para onde ir. Sem ter motivação para sair da cama, eu não tinha mais vontade de comer, de brincar, de fazer nada.

Já havia perdido a esperança de conseguir uma vida de “verdade”, quando a dona do orfanato deu a notícia, para mim e minha irmã, de que meus pais tinham sido liberados. Finalmente teríamos novamente um lar.

Aluno: Lucas Araújo

Nº: 4054

Turma: 904

Felicidade pura

Desde que me lembro, sempre vivi no Brasil e em mim reside um nacionalismo forte por este lugar. Meus amigos são todos daqui também e a mim nunca havia ocorrido o caso de ter contato com um estrangeiro, até agora.

Tudo mudou de um dia para o outro, uma aluna nova adentrou a minha sala causando impacto em todos. Com o seu sotaque diferenciado e as roupas coloridas, Rachel Betty surpreendeu-nos ao contar que tinha origem haitiana e ao relatar histórias vividas por ela. Toda essa atenção estava me causando ciúmes, já que, geralmente, eu era o centro de tudo.

Por pura maldade, comecei a exercer o “famoso” preconceito. Comentava com as minhas amigas o quão brega e estranha aquela menina era, a fim de que estas se afastassem da garota. Nos dias que se seguiam, eu excluía cada vez mais a estrangeira, porém, ela ainda falava com algumas pessoas e senti como meu dever mudar isto.

Até que certo dia, uma ideia maligna floresceu em meu coração. Esta me parecia tão boa que criou um “muro” em minha visão, assim, não vi nem cogitei as possíveis consequências. Meu plano era fácil e muito bem elaborado: iria pôr um pássaro morto na mochila de Rachel, assim todos pensariam que ela era pura perversidade e a deixariam sozinha e abandonada. Tudo se seguiu como planejado e assim que a menina pegou o animal, trouxe com ele a inimizade e a solidão.

Depois daquele dia, eu voltei a ser o centro e com os pensamentos já convertidos pela crueldade, sem motivo algum, torturava Betty com palavras agressivas e discriminantes. A tristeza da menina não me comovia, ela enchia o meu peito com a vontade de fazer o mal cada vez mais. Aquela sensação nova me alimentava e trazia uma felicidade inexplicável, porém “impura”.

Toda aquela situação “caiu” na diretoria, eles chamaram minha mãe, Sylvie Mutiene, e acusaram-me, sem nenhuma piedade, de xenofobia e bullying. Em casa, o sermão fora longo e

nada dito à princípio me comoveria, até que uma história me deixou sem chão.

Mamãe contou-me de uma mulher que, com seus dois filhos, vieram ao Brasil escondidos num porão de um navio. “O pai e a filha mais velha ficaram por falta de oportunidade”, dizia ela. O motivo da fuga? Esquivar-se dos motivos existentes no Congo (assim como Rachel no Haiti). A saída do país fora difícil e a chegada aqui, pior ainda, os filhos demoraram para se acostumar e a mãe sofria com o preconceito. “Jessy, esta é a sua história, é o nosso passado”. Uma simples frase tocou meu coração amargurado e toda maldade que antes habitava-o, agora escorria em meus olhos.

Tudo aquilo mudou o meu jeito de pensar e trouxe-me um aprendizado no qual me espelhei para acertar as coisas com Rachel. Não posso dizer que viramos amigas, mas entre nós fora estabelecido o respeito. Depois de tudo resolvido, eu reencontrei uma velha conhecida: era a felicidade, mas não uma qualquer, era aquela presente apenas nos corações mais simples e humildes: a felicidade pura.

Aluna: Maria Paula

Nº: 4070

Turma: 904

A difícil travessia

Meu nome é Jessy, tenho 10 anos e há 4 anos, eu e minha família chegamos aqui no Brasil. Vivíamos no Congo, eu, meus pais, meu irmão e minha irmã. Nós tivemos muitas dificuldades nessa longa trajetória até aqui.

Quando vivia no Congo, as coisas não eram fáceis: morávamos em um local poluído, e não tínhamos liberdade alguma, por conta da perseguição política. Até que um dia, minha mãe se cansou de todo aquele sofrimento e resolveu vir para o Brasil. No começo, aquela ideia parecia funcionar, mas não imaginávamos todas as frustrações que passaríamos pela frente.

O dia da viagem estava chegando, e estávamos todos nervosos, mas quando o dia finalmente chegou, apenas eu, minha mãe e meu irmão Winner fomos até o porto. Não sabia onde meu pai e minha irmã estavam, mas minha mãe disse para não fazer perguntas, e eu lhe obedeci. Entramos num navio clandestinamente e fomos até o porão. Era um lugar sujo, com insetos e pouca iluminação. Assim que entramos, Winner começou a chorar dizendo que queria ir para casa, entretanto, minha mãe o repreendeu, pois não podíamos ser descobertos.

Passamos dias e mais dias naquele local, sem poder fazer barulho e comendo a comida do estoque. Winner perguntava sobre papai, e minha mãe dizia:

– Ele está trabalhando, mas já, já vamos encontrá-lo.

Eu sabia que aquilo era mentira, mas ainda havia um pouco de esperança em mim. Os dias foram passando e os tripulantes começaram a se questionar sobre a falta de alguns alimentos, e Winner estava doente. Mamãe não sabia o que fazer, pois precisávamos dos medicamentos. Para piorar a nossa situação, não havia mais comida no porão onde estávamos. Estava tudo um caos, até que nosso maior medo se realizou: os tripulantes nos encontraram naquele porão.

Levaram-nos para a parte superior do navio, e fizeram muitas perguntas. Minha mãe respondeu todas elas, enquanto eu

e Winner ficamos em silêncio. Quando um dos tripulantes se preparou para falar, eu esperava o pior, até que ele disse:

– Podem continuar conosco, até chegarmos no Brasil. Entendemos sua situação e daremos apoio.

Fiquei tão feliz quando ouvi aquelas palavras, que comecei a festejar internamente. Deram-nos comida e medicamentos, e felizmente não demorou muito para chegarmos em nosso destino. Quando chegamos, mamãe conseguiu um emprego, e nos matriculou em um colégio público. Eu, particularmente, gosto muito de matemática e de língua portuguesa, e até penso em ser professora um dia.

Cerca de um ano após nossa chegada no Brasil, nós encontramos papai ao acaso. Hoje em dia, temos estabilidade, sou muito feliz e tenho muitos amigos aqui. Algum dia, quero voltar ao Congo para rever minha avó e minha irmã, mas reconheço que o Brasil é o meu novo lar.

Aluna: Cecília Saraiva

Nº: 4066

Turma: 903

Adaptação forçada

A Síria...o único país em que estive, no qual o sol escaldante era refletido na boca dos fuzis, que exalavam o odor de corpos carbonizados sobre o solo arenoso de um território em plena guerra. Foi com este cenário, que a fase pútrida da minha vida chegaria ao fim, abrindo assim, espaço para uma era transbordada por felicidade, que recebe o seu gatilho inicial ao pisar em solo brasileiro.

Os primeiros dias neste gigantesco e belo país, verde e amarelo, foram extremamente agitados, embora com o passar do tempo, nós, que nos resumíamos em meus pais e minha irmã, fôssemos nos adaptando e nos acostumando com o ritmo acelerado do Brasil; o ritmo acelerado do brasileiro, que também abrangia a beleza da culinária. Nós ficamos por longos seis meses procurando por um lugar onde pudéssemos morar, mas que não fosse o atual; que com pequenos cômodos, de mais ou menos, oito quartos, que abrigava refugiados de diversos cantos do mundo, e encontrava-se no centro da grande São Paulo. A prefeitura disponibilizava roupas, que para nós, eram de extremo luxo, e também comida. Assim levamos a vida por um bom tempo. Nesta época, meu pai havia conseguido um emprego, em uma feira, vendendo algumas frutas, e através disso, conseguimos comprar o nosso primeiro apartamento, que se encontrava na zona Leste da cidade. A casa não era nada muito grande, mas já era de bom grado.

Oito meses se passaram até que eu, Rahab, decidi conversar com meu pai sobre a possibilidade de minha irmã, Ritag, frequentar a escola junto a mim, afinal... nós precisávamos aprender e conhecer coisas novas, mas foi aí que o problema iniciou. As instituições de ensino próximas a nossa casa, não queriam aceitar a nossa matrícula; a maioria deles não deixavam nem que entrássemos pelos portões, por conta de nossas roupas, que a todo e qualquer momento, causavam espanto. Confesso, que em alguns lugares até chegávamos a entrar, no entanto

sempre éramos recepcionados com a mesma resposta: “Desculpe, mas não temos mais vagas!” ou até mesmo a resposta forçada de um flerte: “Ligamos para você mais tarde!”.

O tempo passava e, aos poucos, degradava as nossas esperanças, que eram rasas, quase nulas. Quando fomos visitar um colégio municipal na rua ao lado, um acontecimento nos desanimou consideravelmente, porque foi o lugar em que passamos por uma enorme humilhação. Os alunos deste colégio chegaram a agredir o meu pai, que por conta disso, tentou se defender, o que ocasionou em uma queixa e, futuramente, foi levado para uma das delegacias do bairro, onde permaneceu detido por cerca de duas semanas. Apesar de tudo, a justiça foi feita, pois no lugar da agressão existiam algumas câmeras, que fizeram os verdadeiros culpados serem pegos e, meu pai, inocentado.

Tudo que ocorreu neste curto tempo, fez apenas aumentar a vontade de meu pai em me colocar em uma boa escola; para que aprendêssemos que atos como aquele, não deveriam de forma alguma, acontecer. Nós tentamos muito; lutamos muito e, enfim, conseguimos nossas vagas em uma excelente instituição de ensino, na qual me encontro até hoje. Depois disso tudo, posso afirmar com clareza, que eu e minha família, temos enfim, um lugar para chamar de casa novamente, ou melhor, chamar de segunda casa, pois não sou capaz de desarraigar das terras onde nasci, que para todo sempre ficarão em minha memória. Estamos felizes por aqui, embora não seja capaz de comer a minha pasta com pão a base de grãos de bico cozido e amassado junto ao azeite e suco de limão, o qual eu chamava cordialmente de... babaganuche. Nesta jornada por terras brasileiras, apaixonei-me diretamente pela pizza doce, sendo um alimento jamais visto por mim, e por minha família, que através do paladar, despertou de vez a minha felicidade, que por

onze anos, manteve-se soterrada sobre os destroços de uma guerra.

Aluno: Guilherme

Nº: 4365

Turma: 904

RESENHAS

Histórias de um indígena doutor

O livro *Contos indígenas brasileiros*, do escritor Daniel Munduruku, lançado inicialmente em 2005, mostra que é possível difundir a cultura indígena no Brasil com uma linguagem acessível aos leitores leigos, uma vez que apresenta vocabulário simples e os termos desconhecidos para nossa língua são traduzidos e explicados.

A fórmula de sucesso dessa obra começa com seu autor, Daniel. Indígena da tribo dos Munduruku, sua capacidade de enfrentar todos os desafios do mundo acadêmico sem perder a cultura de seu povo demonstra o quanto seu livro é enriquecido tanto pela sua formação quanto pela sua experiência.

Em geral, o livro é extremamente bem pensado, apresenta contos que fazem ver o mundo de outra maneira: passamos a questionar se o dia e a noite que temos hoje são fruto da rotação da Terra, que assim recebe equilibradamente a energia luminosa de um gigantesco corpo solar a milhões de quilômetros chamado Sol ou se o mesmo, na verdade, não se chama Theuú e é segurado na batata da perna por Cananxiuê para que não corra rápido demais, permitindo assim que o mundo aproveite o seu brilho.

Aluno: Jorge Alberto

Nº: 4101

Turma: 104

Cultura e tradição

O livro *Contos indígenas brasileiros* é uma obra literária realizada pelo escritor e professor Daniel Munduruku, um dos principais representantes da cultura indígena dentro da literatura brasileira.

Este exemplar reúne oito estórias míticas que remetem a crenças de diversas populações indígenas de várias regiões do nosso país, desenvolvendo contos como “O Roubo do Fogo”, “A Pele Nova da Mulher Velha” e “A Origem do Fumo”, buscando retratar a forma como os povos nativos brasileiros veem, por exemplo, a conquista do fogo pelo homem, as trocas de pele pelas cobras e como surgiu o material para o fumo.

Inicialmente, o livro parece ser direcionado ao público infantil. Entretanto, ao analisarmos o seu conteúdo, é possível perceber que a obra consegue prender a atenção de leitores de qualquer faixa etária, fornecendo não só uma leitura divertida e interessante, como também desperta a curiosidade e transforma o modo como olhamos para a cultura desses povos que, na verdade, pouco conhecemos.

A leitura é altamente recomendada pelo seu aspecto cultural enriquecedor e sua linguagem simples e, ao mesmo tempo, atrativa. Seu caráter informativo diferenciado, capaz de fundir-se a termos e ideologias de outros povos que convivem conosco, mas que muitas vezes são esquecidos, nos alimenta com a vontade do “saber mais” sobre os indígenas do nosso Brasil.

Aluno: Nicolás

Nº: 3964

Turma: 105

Experiência de vida

“O perigo de uma história única” foi uma palestra realizada pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, numa conferência da TED, em 2009, e cujo vídeo pode ser encontrado no YouTube e na plataforma da Fundação.

Nesta, Adichie parte de suas experiências de vida para discorrer sobre o que chama de “uma história única”: a ideia incompleta, superficial, porém muitas vezes definitiva que se tem sobre algo – seja de um povo ou de uma cultura –, e que acaba, portanto, “rotulando-o”, impedindo que seja visto como mais do que o pouco que é dito sobre ele. Destaca também o ciclo de poder envolvido na criação dessas “histórias” e seus impactos na sociedade.

O tema trazido pela autora africana é de extrema relevância para o cenário atual, visto que é comum que as pessoas se deixem convencer por estereótipos, principalmente aqueles referentes a realidades distantes da sua própria e/ou divulgados na mídia. O discurso incita a busca por alargamento da visão de mundo – tomar consciência de outras versões do que julgamos ser factual, de narrativas das quais não temos conhecimento –, proporcionando à audiência essa importante reflexão acerca do que é ou não a verdade.

Além disso, a palestra em si tem um clima bastante agradável, tanto pela personalidade cativante de Chimamanda quanto pelo humor que demonstra, apesar da mensagem séria que deseja comunicar. Por esses motivos, o vídeo “O perigo de uma história única” é fortemente recomendável para qualquer um que espere se entreter e tenha o interesse despertado pelo assunto (ou se disponha a dar-lhe uma chance).

Aluna: Eduarda Freitas

Nº: 3951

Turma: 102

Enxergar por outros planos

Quem nunca acreditou piamente em uma história e, depois de ‘ver com os próprios olhos’, percebeu que não era nada daquilo que se pensava? Este é o foco do vídeo “O perigo de uma história única”, no qual, em dezoito minutos, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie disserta sobre o equívoco de se conhecer apenas uma versão dos fatos e as consequências disso.

Chimamanda inicia contando um pouco de sua infância e de seu contato com a leitura e escrita. Ao longo de sua fala, ela aborda alguns dos relatos mais marcantes de sua trajetória, desde um funcionário que trabalhou em sua casa até uma amiga da faculdade ou as viagens que fez.

Em todas as lembranças da escritora é notável o quão comum é conhecer uma só abordagem e tomá-la como definitiva, rotulando pessoas e povos a uma visão precipitada. Não é necessário ir muito longe para perceber isso. As mulheres lutam todos os dias contra sua história única de serem inferiores aos homens. Assim como os afrodescendentes combatem sua única história de marginais, escravizados. E os muçulmanos? Será que são todos terroristas? Ver exclusivamente uma face da moeda traz preconceitos, estereótipos, desigualdade.

Portanto, se você é um telespectador que se permite enxergar por todos os ângulos e não meramente o mais conhecido, não pode deixar de conferir este vídeo.

Aluna: Sarah Alves

Nº: 3978

Turma: 101

ARTIGOS DE OPINIÃO E DISSERTAÇÕES ESCOLARES

A espera da queda dos muros sociais

Em nossa sociedade, estamos vivendo um período complexo. Uma época em que as barreiras sociais criadas pelas desigualdades sociais estão virando muros. E para que isso há de servir? Para aumentar ainda mais as disparidades entre as populações privilegiadas e carentes? Aparentemente os muros são a resposta.

Há anos, escutamos o discurso de que, nos morros e favelas espalhados pelo Brasil, existem apenas bandidos e traficantes, porém, sequer nos perguntamos o porquê e quem são as pessoas que fazem tal discurso? Ou o porquê de tantas pessoas terem morrido e outras continuarem entrando nessa vida? As respostas dessas e de outras questões são bastante subjetivas e dependem de cada situação, porém, o pensador iluminista Jean Jacques Rousseau deu uma definição dessa desigualdade em seu “Discurso sobre a origem da desigualdade”, afirmando: “Consiste esta nos diferentes privilégios que gozam alguns sobre o prejuízo dos outros”. Sendo assim, o que ela gera para a população?

No período em que estamos vivendo, a violência e os muros marcam as pessoas pelas suas diferenças e as separam por suas origens. Além disso, as diferenças das oportunidades transformam o nosso país em um antro de separação social e em um lugar extremamente violento, onde os embates ocorrem a cada novo pagamento de salários, onde apenas – ao exemplo de São Paulo no ano de 2009 – 22% da população reuniam 35% de todos os salários do Brasil.

O argumento de que precisamos ter diferenças salariais por conta das mesmas diferenças de trabalhos e cargas horárias ainda é inválido, pois pessoas que trabalham menos e em condições quase que perfeitas dentro de seus escritórios ainda ganham mais do que aqueles que passam intermináveis horas dentro de fábricas, em condições péssimas. Essas diferenças já estão incrustadas em nossa sociedade.

Portanto, para que ocorra a queda dos muros que separam a população mais privilegiada da mais carente, precisaríamos – acima de tudo – de uma melhora nos sistemas públicos de saúde, educação e segurança para que progressivamente também passássemos a melhorar nossa economia e, finalmente, nos tornarmos cada vez mais dignos de nossas paradisíacas paisagens e em que todos pudessem vê-las, sem estarem por detrás de tais muros sociais.

Aluna: Karen Holanda

Nº: 3772

Turma: 201

Nosso Brasil

Nosso Brasil não passa apenas por uma crise econômica: ele também sofre uma crise social. A situação no Rio de Janeiro é pior do que a da Síria, e está afetando outros estados, como o Rio Grande do Norte. Obviamente, se todos nós tivéssemos as mesmas condições financeiras e os mesmos direitos perante a justiça, estaríamos melhores que os canadenses.

Muitas pessoas pobres (e não escolarizadas) acabam entrando no mundo do crime por desejos materiais, como ter um carro de luxo ou um relógio de ouro, já que esses bens são privados de sua pessoa pela falta de capital. O tráfico de drogas, por exemplo, é mais lucrativo que trabalhar como pedreiro.

O preconceito quanto às classes oprimidas, enraizado em nossa sociedade, faz com que o mercado de trabalho exclua os mais pobres. Por exemplo: se eu fosse dono de uma empresa e tivesse que escolher um entre dois candidatos a uma vaga, escolheria o que é malnutrido e sem ensino superior ou aquele que tem boa saúde e mestrado?

Mas do que adianta ajudarmos os mais necessitados se os “chefes” (como traficantes milionários e políticos corruptos) ficam impunes para degradar a sociedade cada vez mais? Aí entra um problema histórico (a influência das raízes europeias em solo brasileiro, que só aumentou ao longo do tempo), que seria facilmente solucionado se os policiais fossem mais respeitados financeiramente e os corruptos não fossem privilegiados pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e pelo de Justiça (STJ). Logo, a equidade financeira e jurídica em nossa sociedade salvaria o país. Poderíamos alcançá-la com uma reforma salarial (pessoas passam a receber proporcionalmente ao quanto trabalham) feita pelo Governo Federal. E com a redução abundante dos salários dos

políticos, poderíamos investir mais em educação pública de qualidade.

Aluno: Luis Santana

Nº: 3732

Turma: 201

A grama do vizinho é sempre mais verde

A participação de jovens no mundo do crime está se tornando cada vez mais comum, sendo encorajada pelas grandiosas promessas ligadas a esse estilo de vida. Seria a solução mais eficiente reduzir a maioria penal e trancafiá-los nos presídios?

É da natureza do ser humano olhar para o outro e achar que o alheio é melhor que o seu, como diz o ditado “a grama do vizinho é sempre mais verde”. Essa situação se acentua quando temos jovens aos quais são negados educação de qualidade e oportunidades de ascensão pessoal e profissional, sendo expostos à propaganda da vida do crime, que mostra luxo e fartura, seduzindo-os. Não seria, portanto, um bom jeito de resolver esse problema privar os jovens de sua liberdade, mas, sim oferecer a eles perspectivas e dinamismo social?

Apesar de grande parte da opinião pública concordar que a redução da maioria penal diminuirá a participação de menores no crime, essa seria uma medida ineficaz. Colocando jovens delinquentes em prisões comuns, as chances de reabilitação caem, enquanto as de reincidência aumentam. Essa situação se mostra verdadeira já que os jovens entrariam em contato com criminosos experientes pelos quais seriam recrutados, ao mesmo tempo em que a superlotação e a falta de verba e infraestrutura nos presídios impossibilitam uma reabilitação eficiente.

Na maioria dos casos, a entrada de menores no crime ocorre porque todas as outras portas estão ou parecem estar fechadas para eles. É preciso, então, que essas portas sejam abertas, o que só acontecerá através do contato com a educação e a cultura. Mesmo assim, somente dar-lhes oportunidades não é suficiente. É preciso que o crime seja desencorajado e que esses jovens percebam que suas promessas são falsas e mostram um mundo

fictício, feito apenas para atraí-los.

Aluno: Rafael Vasconcellos

Nº: 3718

Turma: 203

Memória e cultura

Memória e cultura. Duas coisas que estão intrinsecamente ligadas e que nos identificam como brasileiros. Sendo assim, deveriam ser tratadas com enorme zelo e apreciação. Porém, o Brasil vem se mostrando um completo fracasso no que tange o gerenciamento da cultura e memória do país. E por “Brasil” podemos entender: governo e população.

O descaso com a cultura e memória tem raízes profundas e antigas. Assim, o discurso que afirma ser difícil dar a devida atenção a esses elementos por conta da situação da crise em que nos encontramos no momento é falho, já que, na verdade, nunca cuidamos bem dos nossos bens imateriais. O governo, então, não investe na preservação e manutenção da nossa cultura e memória, porque não lhe é interessante (e não por falta de recursos), pois, investir nos assuntos citados, é dar uma maior visibilidade aos aspectos que levaram o nosso país a estar como está hoje. Isso provocaria uma reflexão na população; fato indesejado pelo governo.

A ignorância do nosso povo leva ao descuido por parte deste com a nossa cultura e memória, pois é natural não darmos importância para aquilo que não conhecemos direito. Muitas pessoas nunca, sequer, visitaram um museu. Isso ocorre porque o acesso à cultura é elitizado. Então, mesmo que a entrada em certos museus e teatros, por exemplo, seja gratuita, a maioria não se sente confortável ou encaixado o suficiente nesses locais e, então, não os frequentam.

Dessa forma, ONG's, juntamente com as escolas, devem se organizar para realizar um processo de “descondicionamento” da população, para que a ideia de que a cultura é para todos seja implementada no nosso dia a dia. Isso deve ser feito a partir da demonstração dos diversos elementos culturais presentes na memória do nosso país, por meio de eventos sociais, palestras e projetos. Assim, com uma população consciente, teremos força

para lutar e exigir daqueles que elegemos governantes, um maior cuidado e atenção com a nossa cultura e memória.

Aluna: Mirella Paixão

Nº: 3713

Turma: 201

Depois do incêndio

Depois do incêndio que ocorreu no Museu Nacional, muitos se perguntaram se é necessário gastar verbas com a cultura e a memória de um país em crise. Mas conhecer seu passado é o pilar fundamental para tirar a nação dos problemas econômicos e sociais atuais, pois, com a análise do passado, aprendemos o que não deve ser repetido hoje.

Por mais que acreditem que instituições culturais apenas servem para aumentar os gastos públicos, elas são as principais formadoras de nossa identidade. E um povo que não conhece suas raízes culturais fica, cada vez mais, sujeito a desigualdades e preconceitos, não podendo, assim, se unir para achar solução para a crise.

Além disso, para mostrar que a cultura e a memória ajudam a acabar com esses problemas, podemos olhar para trás, quando nosso povo ainda tinha uma agricultura de subsistência. Se não tivéssemos visto que esses métodos não geravam muitos lucros, hoje, talvez, não haveria industrialização e estaríamos parados no tempo, sem poder nos desenvolver ou até viver em civilização. O passado nos mostra um caminho a ser seguido para não cometer os mesmos erros.

Por fim, é possível compreender que quem não aprende com o que passou erra no futuro. Então, precisamos conhecer mais nossa história. As escolas, unidas ao Ministério da Cultura, devem levar a cultura e a memória à sociedade, proporcionando visitas aos museus e maior visibilidade a essas instituições para que mais pessoas se interessem por esses temas e possam levar suas experiências adiante.

Aluna: Juliana Negreiros

Nº: 4162

Turma: 204

Em situações de perigo e crise

Em situações de perigo e crise, é natural que a sobrevivência seja valorizada e isso também ocorre em cenário nacional, como vemos no Brasil. No entanto, a cultura e a memória devem, ainda que numa situação de crise, vir em primeiro lugar, pois é a história de um povo que o define e é a produção cultural e intelectual que o leva ao progresso.

O descaso com que têm sido tratadas a cultura e a memória brasileiras, como pudemos ver no recente episódio do incêndio do Museu Nacional, que poderia ter sido evitado com alguns simples “sprinklers”, capazes de apagar chamas ao menor sinal de fumaça, deve cessar. Afinal, sem elas, não possuiríamos mais nada que nos caracteriza como brasileiros.

Além disso, se investirmos somente nas necessidades básicas do povo e nas grandes mansões de nossos políticos, e deixarmos a produção cultural e intelectual de lado, tudo o que veremos será uma estagnação do problemático cenário atual de crise, ao passo que outras nações crescem e enriquecem atraindo nossos artistas, pesquisadores e cientistas.

O grande problema é que, obviamente, isso não seria uma solução a curto prazo para o problema da crise, ou qualquer outro. No entanto, ainda que não se possa alimentar e curar pessoas usando cultura e história, elas continuam sendo imprescindíveis para o progresso e para o sentimento de nacionalidade de qualquer país. Outrossim, por vezes, o custo de manutenção nem seria alto, como na situação dos “sprinklers” no Museu Nacional, que são bem baratos.

Dessa forma, torna-se evidente que a cultura e a memória devem vir em primeiro lugar, mesmo durante a crise. Para que isso seja possível, o governo deve, com práticas políticas que, de fato, funcionem, administrar melhor as verbas provenientes dos pesados impostos que nós, cidadãos, pagamos, a fim de evitar que tragédias, como o já citado incêndio, voltem a ocorrer e permitir

que, com cultura e ciência, o Brasil possa, finalmente, progredir.

Aluno: Roger

Nº: 3720

Turma: 201

Ministério Brasileiro da Verdade

Em um país em que as Redes Sociais, uma “terra sem dono” onde qualquer usuário pode se manifestar da maneira que quiser, são a maior fonte de notícias para a população, devemos desconfiar da veracidade de tudo que lemos. Mentiras bem escritas ou ditas por alguém influente se tornam verdades absolutas em pouco tempo, compartilhadas por pessoas que não tiveram o cuidado de checar tais fatos.

Na hora de checar os fatos para conferir sua veracidade, onde nós deveríamos pesquisar? Revistas e jornais famosos, que têm credibilidade por seus textos serem escritos por jornalistas e passarem por uma equipe que deveria checar os fatos, certo? Não. Infelizmente, nem mais no jornalismo brasileiro podemos confiar plenamente. É difícil, hoje, encontrar um jornal de grande circulação que nunca tenha cometido a gafe de publicar uma “fake news” (notícia falsa).

Se a mídia, que tem em suas mãos o poder da informação, procura convencer o leitor com falsas verdades, em quem podemos confiar? Em um ano de eleição, como o que estamos vivendo, o cuidado precisa ser redobrado, pois não podemos levar notícias falsas em conta para a escolha dos nossos candidatos.

Podemos comparar esse complô que estamos vivendo entre o Governo, a mídia e os órgãos que deveriam (mas não fazem com exatidão) cuidar da veracidade dos fatos que chegam à população ao Ministério da Verdade, criado por George Orwell, no livro “1984”. Estamos seguindo um caminho que nos levará a acreditar que liberdade é escravidão, ódio é amor e dois mais dois é igual a cinco.

Para que não nos tornemos uma população conformista, que acredita cegamente em tudo que nos é dito, precisamos nos informar cada vez mais e em todas as fontes possíveis de pesquisa, além de denunciar para os órgãos que deveriam filtrar essas

informações e escandalizar todo tipo de “fake news” que chega a nosso conhecimento.

Aluna: Lara Carvalho

Nº: 3947

Turma: 101

Não se erra, se conquista!

Na sociedade atual, o aprendizado é constante, pessoas não imaginariam sair nas ruas com celulares, usarem computadores e terem carros altamente tecnológicos. O conhecimento humano é algo inexplicável. Hoje se sabe a distância da Terra para o Sol, curas para doenças degenerativas e antídotos para venenos mortais, ou seja, tudo isso é fruto de muita aprendizagem.

O que se aprende quando criança e é colocado em prática na juventude ou na fase adulta é fascinante, porém, existem algumas falhas de esquecimento por conta do tempo, como: saber que coisas pequenas podem se tornar grandes, mas esquecer que grandes coisas podem se tornar pequenas.

As pessoas não deveriam ligar por um erro cometido, pois é errando que se conquistam novos períodos, novos costumes da vida. Cometer algo falho, talvez, não seja tolice, mas sim falta de conhecimento. Muitos pesquisadores ou matemáticos descobrem novas coisas que poderiam mudar o planejamento humano em específicas áreas, no entanto, quando é encontrado algum erro, acabam sendo desmotivados e isso faz que desistam de seus projetos.

Por isso, é necessário seguir em frente, viver com o que o mundo proporcionou e não desistir por conta de erros, pois desistir pode ser sinônimo de morte de uma nova conquista.

Aluno: Lucas Ardaki

Nº: 4085

Turma: 903

A vida é um eterno aprendizado

A escola é a única fonte de aprendizagem? O que se aprende no colégio é imprescindível para sua formação acadêmica, porém, grande parte dos seus conhecimentos é adquirido com a vida, visto que o homem está em constante aprendizado.

“O conhecimento de ninguém vai além de sua experiência”, afirma o grande filósofo John Locke. Ou seja, os saberes de cada um são frutos de suas experiências.

Uma música que retrata bem esse tema é “O que é? O que é?”, canção de Gonzaguinha. Segundo ele, “viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz”. Portanto, o ser humano é um eterno aprendiz.

Tudo o que é vivenciado faz parte do desenvolvimento humano, e o uso dessas experiências é que vai definir o caráter de cada um de forma adequada, para tirar bons proveitos.

Deve-se ter cuidado com a aquisição de conhecimentos, pois na sociedade estamos diante de todo tipo de novos saberes. Basta cada um discernir o que é certo, o que é errado, o que deve absorver para ser um perfeito cidadão.

Aluna: Ísis Borges

Nº: 4435

Turma: 903

Rejeição à experiência

Ao longo da vida, cada pessoa passa por contínuas experiências. É através delas que é possível amadurecer e evoluir, não importando se estas são positivas ou negativas. Entretanto, é comum, na sociedade contemporânea, que as experiências negativas sejam desvalorizadas, mesmo que, na verdade, eduquem com mais eficiência do que as positivas.

Aquele que obtém vitória tende a se convencer de que o seu sucesso significa perfeição, e por isso, tende a perder a dedicação. Por outro lado, aquele que fracassou tem a chance de perceber o que pode ser consertado e assim, procurar evoluir. Porém, é comum que o indivíduo observe o fracasso com resignação, sem tentativa de alcançar o crescimento pessoal e a mudança.

Como resultado, a sociedade acaba por permitir que não só seus problemas pessoais, mas também os coletivos (fome, desemprego, corrupção) permaneçam. É preciso união e dedicação para que esses problemas sejam resolvidos, sendo indispensável saber analisar essas experiências negativas, entendendo suas causas, para que possam ser revertidas.

Essa situação de conformismo geral é responsabilidade de todos. Por isso, para que seja transformada são necessárias mudanças na educação, de modo que o indivíduo, durante sua formação, seja incentivado a se mobilizar diante de dificuldades e desenvolva a capacidade de analisar um problema e entender suas causas para, assim, reverter a situação e aprender com os erros cometidos.

Aluna: Mirela Freire

Nº: 4567

Turma: 903

Perigos da insegurança

Na sociedade contemporânea, é notório que, cada vez mais as pessoas estão abdicando de escolher e planejar racionalmente suas ações e seu futuro para dar espaço à comodidade e, assim, deixando a vida nas mãos do perigoso destino.

Esse cômodo estado está presente na humanidade devido à insegurança e ao medo de viver fora da zona de conforto imposta pelo próprio indivíduo, deixando a vida apenas seguir sem decisões e atitudes próprias, com dito em uma música do cantor Zeca Pagodinho: “deixa a vida me levar, vida leva eu”. Sendo assim, esse medo priva a pessoa de obter novas vivências e a mesma sempre estará em uma rotina cíclica, monótona e individual.

A sensação de impotência que muitos sentem também é um fator a ser considerado, visto que o pensamento de ser “só mais um” é extremamente comum, principalmente entre os jovens. Achar-se impotente implica na perda de objetivos, da direção do futuro e, conseqüentemente, manter-se estagnado e acomodado com o que o destino apresentar.

Diante disso, é preciso que haja a conscientização de que viver dentro de um mundo próprio, individualista e inseguro propicia uma perda de essência e a reflexão para mudar tais pensamentos pode acarretar em um caminho de vida totalmente novo, com histórias diferentes, sucesso e aprendizados. É vivendo que se aprende e é aprendendo que se vive.

Aluna: Luize Habib

Nº: 4050

Turma: 903

O aprendizado no decorrer da vida

É notório que conforme cresce, o ser humano vivencia boas e más experiências que são importantes para o seu aprendizado.

Com as experiências que passa ao longo da vida, o homem ganha maturidade e aprende a viver de uma maneira diferente da anterior, pois elas servem como lição e conseqüentemente o levam a aprender como lidar com cada situação e a não repetir os mesmos erros.

A cultura oriental e a indígena, por exemplo, pregam o respeito aos mais velhos, já que estes possuem maior vivência, em outras palavras, tiveram mais experiências, em comparação aos mais jovens, e, segundo elas, o tempo vivido reflete no nível de aprendizado das pessoas.

Portanto, é necessário que o ser humano passe por experiências, pois é com elas que ele aprenderá e se tornará, dessa forma, mais sábio.

Aluna: Eduarda Albuquerque

Nº: 4504

Turma: 903

Deficiências: os entraves da inclusão

No Brasil, pessoas com deficiência ainda não estão totalmente incluídas na sociedade. Diariamente, são vítimas de discriminação, por exemplo, deparando-se com diversos desafios e dificuldades.

Esse preconceito remonta a Antiguidade, em que as deficiências humanas eram associadas a questões demoníacas, justificando a exclusão social de deficientes de modo religioso. O capitalismo vigente também reflete tal quadro de intolerância com essa parcela populacional com necessidades especiais. Isso porque seleciona seres aparentemente perfeitos, sem quaisquer limitações, as quais muitos creem inibir as potencialidades humanas e os lucros oriundos do trabalho.

Empresas, escolas, instituições e espaços públicos sem acessibilidade para pessoas com deficiência, não possuindo rampas destinadas a cadeirantes e pisos táteis a fim de atender cegos, por exemplo, dificultam a integração desses indivíduos na sociedade. Eles são geralmente vítimas de chacotas e “bullying” por seus colegas, que desrespeitam suas singularidades. Vale ressaltar o constante descumprimento da Constituição Brasileira, que afirma que todo cidadão tem direito à educação. Isso se comprova com o depoimento do presidente da Associação Desportiva para Deficientes, declarando que menos de 2% dos deficientes físicos no Brasil completam o segundo grau.

Nota-se, assim, a insipiência brasileira no que tange à inclusão social de pessoas com deficiências. Promover campanhas estimulando o respeito às diferenças, debates sobre o tema em estabelecimentos educacionais e fiscalizar o cumprimento das leis, responsabilidade do governo, com intuito de assegurar os direitos desses indivíduos em questão, são medidas urgentes visando a

reparação da bagagem histórica da “pátria amada” de preconceito e exclusão.

Aluna: Jana Almeida

Nº: 4220

Turma: 801

ANTOLOGIA DOS ALUNOS DO COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

2018



ANTOLOGIA ESCOLAR 2018

